Caro Dr. Leça da Veiga,

Li o texto. Como sempre, é um texto arguto e profundo. É um gosto desafiá-lo. Permita-me que o faça.

Democracia, etimologicamente, é o governo pelo povo. O texto, depois de constatar não ser o povo quem governa, acaba a perguntar quem quer governar (bem) o povo, agora que este regime de governação parece estar findo. Trata-se de romper com esta dominação, para o que - há falta de energia popular - há que contar com algum actor histórico que cumpra o papel das forças armadas no 25 de Abril.

Espero não ter distorcido completamente o sentido do texto. Tomei a liberdade de o "pendurar" num site que estou a usar para promover uma série de palestras no Museu da República e da Resistência. *http://home.iscte-iul.pt/~apad/ARISTOCRACIA/relatorio.htm* (se estiver a abusar, diga-me que imediatamente retiro o texto do sítio)

Sugiro a leitura, nessa mesma página, do texto de Mário Tomé. Ele defende uma tese interessante, que merece reflexão, a explicar que não foram as FA mas o seu contrário quem fez o 25 de Abril.

Caro Leça da Veiga. Eu também acho que seria mais realista reconhecer que o povo português teve oportunidade de reclamar por democracia durante estes anos todos e, no mínimo, desleixou-se nisso. Quem não trata da política, muitos bem avisaram, acaba tratado pela política: experimentamos hoje a factura e aceitamos pagá-la. Queixamo-nos mas cumprimos. Protestamos mas votamos. Não é apenas a miséria (material e moral) mas também a desigualdade social, a impotência política e a incompetência jurídica. Acho que precisamos de um bom argumento; uma boa esperança. Precisamos de reclamar por Direito, igual para a dignidade de todos.

Teremos de reconhecer que será necessário encontrar, ou mesmo construir, um grupo de gente mais capaz de nos conduzir, como povo, a um porto mais seguro do que aquele de alto risco que quem nos governa nos querem oferecer. E esses devem estar conscientes de que se irão tornar em conjurados, perseguidos pelos poderes dominantes, mesmo depois de se saírem vencedores a nível nacional. Terão de ser corajosos o suficiente para acreditarem no povo que temos e esperar a sua protecção contra os ataques da globalização dominante. Terá que ser gente de honra, no velho sentido tradicional.

António Pedro Dores, 2 de Março de 2013